

## REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS

*Giovanna Angela Agulha Sarti (USP)*

[gaas071107@gmail.com](mailto:gaas071107@gmail.com)

*Waldemar Ferreira Netto (USP)*

[wafnetto@usp.br](mailto:wafnetto@usp.br)

Apesar do crescente esforço decolonial na produção científica brasileira, as descrições naturalistas sobre o Novo Mundo ainda permeiam a representação discursiva da fauna latinoamericana. Ante espécies inteiramente inéditas, relatos de portugueses do século XVI e até mesmo os escritos do célebre Charles Darwin (séc. XIX) construíram objetos do discurso, fundados em referências familiares ao homem europeu, tomando daquela fauna categorias referenciais na constituição de sentido, no sentido fregeano. Seguindo a teoria de Eleanor Rosch, essa descrição da fauna, pela reiterada validação e uso em contextos socioculturais hegemônicos, foi então fixada em estereótipo no senso comum brasileiro, tornando-se a mais ampla “base disponível e compartilhável para a comunicação” (Mondada, 2022). Assim, hoje os urubus e carcarás carregam na descrição canônica profundas marcas do olhar europeu e do decorrente prisma antropocêntrico: o nome científico do urubu combina aves exóticas na tentativa de categorizá-lo, importando do “ominoso” corvo a superstição, e do “desagradável” abutre a repulsa pelo oportunismo carniceiro; ao mesmo tempo, o carcará, “pássaro malvado” de Chico Buarque e João do Vale, encontra já em Darwin semelhante transfiguração antropomórfica, desaguando em uma referência inteiramente constituída sob um duro juízo de valor moral. Com vistas a analisar o impacto da representação discursiva sobre a consideração moral dos animais não humanos, o trabalho tem como finalidade analisar narrativas de naturalistas e da oralidade que se voltam aos mais comuns carniceiros da fauna brasileira, sob a análise do discurso crítica de Fairclough e, em especial, a teoria da referência de Ingedore Koch e Lorenza Mondada.

Palavras-chave:

Carcará. Urubu. Análise de narrativas.